

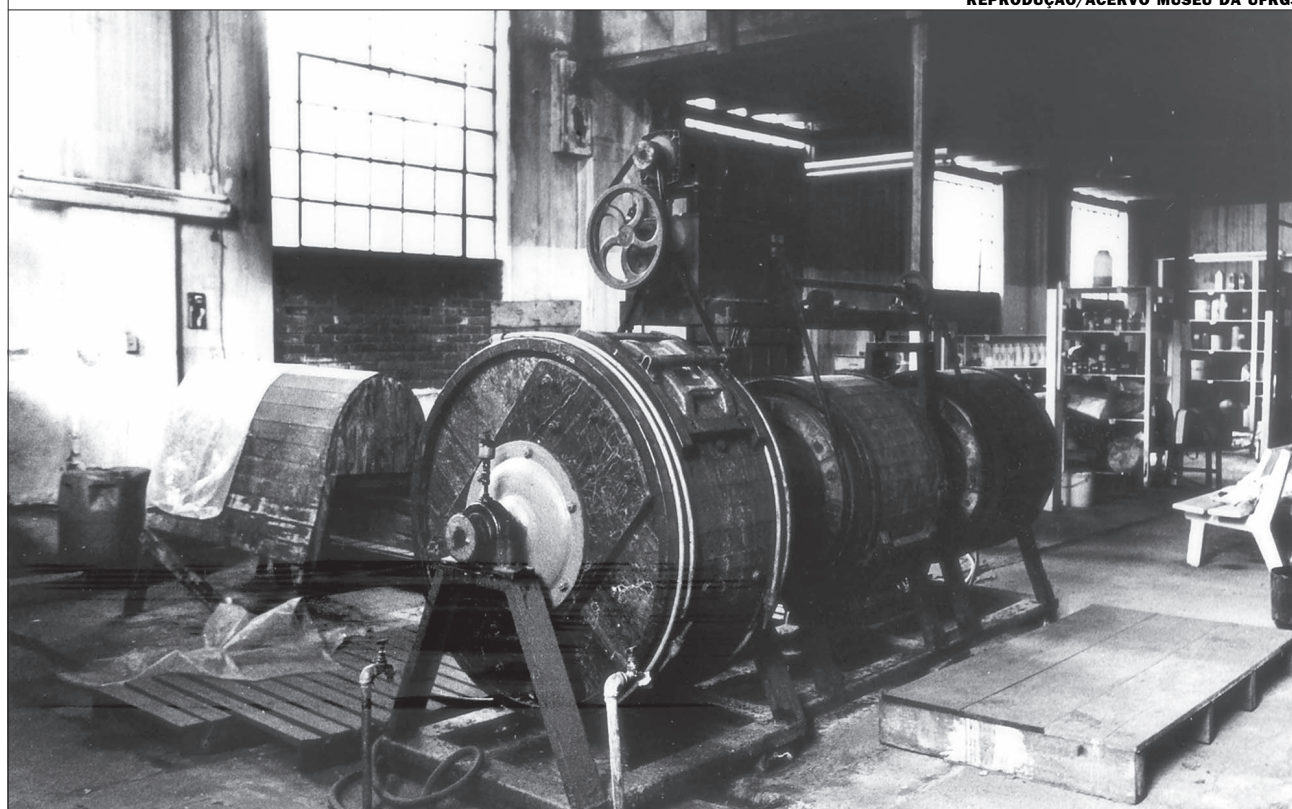
## Cartas

Parabéns pela edição de julho. Como adepto da boa leitura e da informação "não-otimizada", destaco a matéria da página 12, "O poeta e seus múltiplos", sobre Fernando Pessoa. E mais, a importância de esclarecer os porto-alegrenses sobre o projeto que reúne grafiteiros e arquitetos, atitude "extensionista" do professor Rogério Malinsky, que, com alma, trabalha preconceitos e idéias fundamentais para transformar lixo em luxo. Jornalismo se faz com linguagens que libertam o sentido maior de cidadania e de liberdade.

**Zé Augustho Marques**  
Poeta e crítico de arte  
Porto Alegre

e-mail: jornal@ufrgs.br

## Memória da UFRGS



▶ **ENTRE AS DÉCADAS DE 40 E 60** Vista interna do Laboratório de Curtumes e Tanantes, vinculado à Escola de Engenharia. Em primeiro plano, vê-se o equipamento utilizado para o processamento de peles. O prédio foi restaurado entre 1991 e 2002, e hoje abriga o Museu da UFRGS.

REPRODUÇÃO/ACERVO MUSEU DA UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3316-7000  
www.ufrgs.br

## Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

## Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

## Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

## Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

## JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria  
de Comunicação Social da UFRGS  
Fone/fax: (51) 3316-3368  
www.jornal.ufrgs.br

## Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,

César Antonio Leal, Dirce Maria

Antunes Suertegaray, Edson Luiz

Lindner, Helen Beatriz Frota

Rozados, Luis Augusto Fischer,

Márcia Benetti Machado,

Maria Henriqueta Luce Kruse

## REDAÇÃO

## Editora-chefe

Ânia Chala

## Editor-executivo

Ademar Vargas de Freitas

## Secretária de redação

Sandra Salgado

## Repórteres desta edição

Luiz Ricardo Linch (bolsista)

## Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

## Fotografia

Beto Conte, Flávio Dutra, Letícia

Lampert, Ricardo de Andrade,

Simone Pasin e Stela Rates

## Revisão

Ademar Vargas de Freitas

e Ânia Chala

## Colaboraram nesta edição

Caroline da Silva, Patricia Pranke,

Paulo Vizenini e Marcelo Spalding

## Circulação

Arthur Bloise

## Fotolitos e impressão

Gazeta do Sul S.A.

## Tiragem

12 mil exemplares

## Espaço da Reitoria

## Aos calouros, o príncipe da Dinamarca

A cada semestre, a Universidade renova-se com a chegada de calouros. A primeira aula não deixa visível o trabalho de todos os envolvidos que, aqui dentro, colaboraram para que tudo dê certo naquele dia: as Comissões de Graduação, Departamentos, Direções de Unidades, o Centro de Processamento de Dados e as Pró-reitorias, em um planejamento cujo alvo envolve 21 mil alunos de graduação. Se tudo dá certo, o clima de normalidade sugere que nada acontece. O trabalho, por seu ritual repetitivo, pode parecer rotineiro e burocrático, não fosse o fato de envolver o sonho de milhares de jovens de cursarem uma universidade pública e de qualidade. Temos consciência disso, sentimo-nos par-

ceiros e pedimos licença para compartilhar cada projeto de vida: é essa a nossa missão. Por isso, encaramos cada reinício como se tudo começasse outra vez.

Neste semestre, a primeira matrícula brinda os calouros com o convite para assistir *Hamlet*, desde já estendido a toda a comunidade universitária. Nada melhor do que marcar o ingresso em uma instituição centenária comprometida com a cultura e com a educação do que a oportunidade de ver, ou rever – pois os clássicos sempre se renovam e nunca se desatualizam – a obra que, para muitos, é o ponto alto do teatro da Renascença. Como quem constrói projetos de vida, em *Hamlet* é o homem o senhor de seu

destino, com suas escolhas, suas incertezas e suas realizações. Desde o início, com o surpreendente aparecimento, vindo do além, de uma "alma penada" (e muitas delas povoam nosso cotidiano, com o apego característico do comportamento patológico de não admitir a temporalidade e a transitoriedade das coisas e dos fatos), até seu final, com a morte como desfecho e o silêncio como trágico, *Hamlet* sintetiza o Humanismo como revolução. E todos os sentimentos coexistem: o amor, a amizade e a lealdade, valores perenes e sem adjetivos, ao lado da traição, da corrupção e da ambição pelo poder. E estes se entrelaçam com a tragédia pessoal: o destino de *Hamlet* tem tudo a ver com o

que há de podre naquele reino distante e tão próximo de nós.

Além do mais, a apresentação ajudará a mostrar mais uma vez como no Rio Grande do Sul se pode fazer e se faz arte de primeira qualidade, da tradução especial à montagem, da direção ao trabalho impecável dos atores. Sempre participe da vida cultural e dos grandes acontecimentos do estado, a UFRGS não poderia estar ausente. E com isso reafirma seu compromisso com a arte, com a cultura, com a ciência, com o pensamento crítico e com a produção e divulgação do trabalho intelectual, suas aplicações e desdobramentos. Enfim, seu compromisso com a educação e a formação integral de cidadãos. Bom semestre a todos!

## Artigo

## Depois da Copa, as eleições: que vençam os brasileiros

Acabou a Copa do Mundo de Futebol. O Brasil perdeu. O sonho do hexacampeonato se esvaiu. Alegres vencedores antecipados antes da competição se iniciaram, "melhores do mundo" por retrospecto, terminamos a *pelea* tristemente, decepcionados e cabisbaixos. Nossos atletas, quase todos extra-territoriais, radicados e atuando em clubes europeus, onde encontram riqueza e oportunidades, não souberam, não obstante o brilho e o talento individuais, constituir-se como equipe, time, conjunto.

Metáfora da diáspora populacional brasileira, os jogadores de nossa seleção de futebol reproduziram o drama de seus conterrâneos que, em busca de sucesso pessoal, têm que deixar para trás suas origens nacionais e coletivas e atuar individualmente, nos países para onde migram. Ainda que alguns vençam, por talento e esforço próprios, perdemos todos, no conjunto, como brasileiros, por nossa incapacidade histórica de construir coletivamente um país onde todos tenham a oportunidade de viver com dignidade.

Não obstante tenha sido esta uma das piores Copas do Mundo de todos os tempos, com um dos menores índices de gols assinalados e um dos maiores números de faltas e de expulsões registrados dentre todas as competições já realizadas, repetiu-se nesta copa o que acontece em todo o planeta a cada quatro anos. Convergiaram para uma bola e para os vinte e dois jogadores que a disputaram a cada jogo, durante cerca de trinta dias, as atenções dos torcedores ao redor do mundo. Suspen-

deram-se aulas, interrompeu-se o trabalho, esvaziaram-se as ruas. Nos momentos de jogos das seleções nacionais, as atenções, em grande número de países, voltaram-se para um único objetivo: vencer a competição.

Acabada a Copa do Mundo de Futebol – na qual quem perdeu, na verdade, foi a Seleção Brasileira de Futebol, não o Brasil, nem você, nem eu – começa, agora, uma outra competição, esta sim, crucial para o país e para cada um de nós. A competição eleitoral. Através dela escolheremos nosso presidente da República e nossos governadores de estado, além de 1/3 dos senadores e todos os deputados dos âmbitos federal e estadual. Nesta competição é preciso que ganhemos não individualmente, mas de modo coletivo, como nação e como povo.

Esta será a quinta eleição democrática no país, desde o final da ditadura militar. Com a realização de algumas mudanças nas regras eleitorais frente às eleições anteriores, como a introdução da cláusula de barreira, a restrição a algumas formas de propaganda eleitoral e o aumento, mesmo que tímido, do rigor na prestação de contas dos candidatos, avançamos no processo de sedimentação institucional anteriormente iniciado, através da fixação de regras elei-



LETÍCIA LAMPERT

torais relativamente estáveis e duradouras, exigência fundamental da democracia plena e consolidada.

Com a tendência de redução do número de partidos, consequência da instituição da cláusula de barreira e de redução dos custos

de campanha, resultante da limitação da propaganda e da maior fiscalização sobre a arrecadação, começaremos a criar condições que contribuam para a governabilidade, reduzindo a utilização de aliciamento das oposições através do loteamento de cargos e ministérios, verbas do orçamento, "mensalões" e "mensalinhos", dando, assim, um passo importante, ainda que incipiente, para eliminar a corrupção sistêmica e o toma-lá-dá-cá, tão característicos das práticas políticas vigentes no Brasil.

Hoje, após todos os principais partidos políticos e lideranças democráticas brasileiras terem passado pela experiência de ser governo, as eleições tendem a assumir, cada vez mais, um caráter rotineiro. Resta cada vez menos espaço para o surgimento dos "salvadores da pátria" capazes de resolver, em uma só penada, os problemas do país. A perda do caráter mágico das eleições, vistas como saída absoluta para os problemas nacionais, se, por um lado, lhes dá um sabor algo insípido, uma sensação de falta de encanto, por outro, nos dá a certeza de que estamos trilhando o caminho da institucionalização democrática. Caminho que nos coloca cada vez mais próximos da real possibilidade de todos os brasileiros, como conjunto e como nação, sagrarem-se vencedores a cada nova eleição.

**Benedito Tadeu César**  
Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política do IFCH